

NEXT Fence

GRUPO CAIXA GERAL DE DEPOSITOS

Culturgest

DANÇA 10 E 11 DE FEVEREIRO

21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração 55 minutos

Direcção Artística Rasmus Ölme **Criação e Interpretação** Carmelo Fernandez, Dan Johansson, Rasmus Ölme

Música Igor Paszkiewicz **Cenário** REFUG **Luzes** Carmelo Fernandez

Co-produção Kulturhuset (Estocolmo) e Dansstationen/Palladium (Malmö)

Financiado pelo Swedish Institute, Swedish Artist Foundation e Cidade de Estocolmo

A seguir ao espectáculo, na sala 2, haverá uma pequena conversa com Rasmus Ölme.



«A vida é perigosa e pode matar-nos.

Neste espectáculo dança-se com os instintos de defesa do corpo e com as nossas paranóias.

É uma reflexão poética sobre a nossa necessidade de segurança e protecção num mundo mais carregado de temores do que de ameaças, inspirada na propensão natural e intuitiva do corpo para a auto-defesa.»

Ex-membro da companhia Última Vez, de Wim Vandekeybus, repartindo a sua actividade entre Bruxelas e Estocolmo, o coreógrafo e *performer* sueco Rasmus Ölme é conhecido pela intensa fisicalidade dos seus trabalhos e pelo subtil cruzamento de linguagens da dança e do teatro. As suas criações têm sido muito bem recebidas na Suécia e no estrangeiro e a imprensa especializada tem-no apontado como uma das esperanças da dança contemporânea sueca.

Este espectáculo é construído à volta do conceito de defesa. Considerando que todas as formas de vida são orientadas para a sobrevivência, e que, nesse sentido, a linguagem do corpo se expressa com naturalidade nas técnicas de auto-defesa e nas artes marciais, estas foram uma inspiração para a pesquisa do movimento nesta peça. Não para ir ao encontro de uma estética das artes marciais, mas sim do conhecimento físico que se pode encontrar nelas e nas atitudes defensivas.

Nos últimos anos, defesa e segurança têm sido palavras recorrentes. Os repetidos ataques terroristas, um pouco por todo o mundo, criaram no ocidente uma espécie de histeria da segurança. Influenciado por este facto, Rasmus Ölme resolveu abordar os mecanismos do medo, do perigo, da defesa e da segurança, não para comentar quaisquer acontecimentos políticos e sociais concretos, mas para recriar um ambiente de ameaça e o tipo de fisicalidade que ele induz.

Rasmus Ölme estudou na Danshögskolan (1992-1994) e na Riddarfjärfsskolan (1993-1995), ambas em Estocolmo.

Coreografou *Rasmus Kosmos* (2005, Dansens Hus, Estocolmo), *NEXT fence* (2004, Kulturhuset, Estocolmo), *Evening of the day* (2003, Copenhaga), *L'art de la fuite* (2003, Kulturhuset, Estocolmo), *Humanimal 2* (2002, Festival Internacional de Dança de Seul), *What meets the eye* (2002, Dansens Hus, Estocolmo), *This is not a test* (2001, Kulturhuset, Estocolmo), *Humanimal* (2001, Festival internacional de artes de Taipei) e *Upp och ner* (2000, Ópera Real da Suécia) e foi assistente de encenação e coreógrafo em *A solidão dos campos de algodão*, de Koltés, encenada por Tom Van Bauer (2001).

Como intérprete colaborou com Roberto Oliván (Bruges, 2002), Companhia The Nursery (Bourges, 2000/2001), El ojo de la faraona (Las Palmas de Gran Canaria,

1998/2000), Companhia Última Vez, de Wim Vandekeybus (Bruxelas, 1995/1998), Palle Dyrvall (Nova Iorque, 1998, e Bruxelas, 1996).

Ensina regularmente, tanto em aulas diárias como em *Master Classes* e *workshops*. Tem colaborado como professor com as companhias Última Vez (Wim Vandekeybus), Bruxelas, Rosas (Ann-Teresa De Keersmaeker), Bruxelas, Damaged Goods (Meg Stuart), Bruxelas, e Need Co. (Jan Lauwers), Bruxelas; com as escolas: Danshögskolan, Estocolmo, P.A.R.T.S., Bruxelas, The National School of Contemporary Dance, Copenhaga, e Royal Swedish Ballet School, Estocolmo; com os festivais Taipei Arts Festival, Taiwan, e Summer Dance Festival, Copenhaga, e com os estúdios Tanzquartier, Viena, MADM, Bruxelas, e Dansateliers, Roterdão.



Carmelo Fernandez (www.gvisual.net/elojodelafaraona) fundou a companhia El ojo de la faraona, em Las Palmas de Gran Canaria, em 1998, dirige o festival Ras de suelo e o estúdio El hueco, e tem colaborado como bailarino com, entre outros, Wim Vandekeybus, Carmelo Salazar e Raquel Ponce.

Igor Paszkiewicz (www.pact2pop.com) cria música sob o pseudónimo Sweet injection, é *performer* a solo com o nome Unknown album, é DJ activo com o nome Doktor Igor, compôs a música para *L'art de la fuite*, de REFUG / Rasmus Ölme, e *Lawn*, do Splinter group, e tem colaborado como bailarino e actor com Wim Vandekeybus e Sam Loywyck, entre outros.

Dan Johansson vive em Estocolmo, onde é bailarino *free-lance* e participa activamente no colectivo de *performers* New Found Land. Tem trabalhado com grande número de coreógrafos, entre os quais Örjan Andersson, Helena Franzén, Phillippe Blanchard e Eva Lundkvist.





PRÓXIMO ESPECTÁCULO

MÚSICA 21, 22, 23, 24 E 25 DE FEVEREIRO
21h30 - Pequeno Auditório - Duração 1h00

Thom Pain Lady Grey

Dois monólogos de Will Eno.
Um espectáculo lílástico

Thom Pain (baseado em nada), de Will Eno, é a construção - múltipla, rigorosíssima - de uma hesitação monumental. Absoluta quase, dir-se-ia. Um texto sobre o discurso e a exposição física, o medo e a narração, sobre os artifícios e os limites do teatro, e no fim da linha - por um certo inesperado avesso - sobre a própria alegria de estar vivo. Vivo em palco e vivo no público. Vivo ao vivo. Um texto que, na sua aparente leveza, fala dos mais sérios absurdos humanos, não se furtando a quase nada. É uma peça que consegue o feito louco de ir avançando às arrecuas.

Lady Grey (a uma luz cada vez mais baixa) - o outro monólogo deste espectáculo - é, também, o texto de um texto, digamos assim, palavras que se sabem palavras. Nele uma actriz tenta preencher o silêncio para, finalmente, eventualmente, conseguir agir. Num certo sentido, não se trata de uma história mas de uma pré-história. Quais as frases de chegar ao princípio?

Will Eno, de quem já se disse ser descendente de Beckett e Albee, é dono de uma voz original e poderosa que faz das contradições forças e da banalidade iluminações. A sua escrita não se esgota no humor nem numa simples estratégia de - palavra horrível - "desconstrução". As suas não-personagens são artificiosas para serem verdadeiras, as suas gargalhadas carregam tristezas mortais. Mas - "não é óptimo estar vivo?".

Um regresso lílástico à tradução de textos de autores contemporâneos que, como em 1999 com *Variações sobre os Patos* de David Mamet, pretendemos seja o início de um novo ciclo. Um espectáculo que, partindo da forma convencional do monólogo, se construa na direcção da ficção e que dela se construa a relação com o público.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao Parque de Estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

Conselho de Administração

Presidente Manuel José Vaz

Vice-Presidente Miguel Lobo Antunes

Vogal Luís dos Santos Ferro

Assessores

Gil Mendo (Dança)

Francisco Frazão (Teatro)

Miguel Wandschneider (Arte Contemporânea)

Raquel Ribeiro dos Santos (Serviço Educativo)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blazquez

Mariana Cardoso de Lemos

Exposições

António Sequeira Lopes (Produção e Montagem)

Paula Tavares dos Santos (Produção)

Susana Sameiro (Culturgest Porto)

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Rita Conduto (estagiária)

Publicações

Marta Cardoso

Patrícia Santos

Rosário Sousa Machado

Actividades Comerciais

Catarina Carmona

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Direção Técnica

Eugénio Sena

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Audiovisuais

Américo Firmino (Chefe de Imagem)

Paulo Abrantes (Chefe de Audio)

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (Chefe)

Nuno Alves

Maquinária de Cena

José Luís Pereira (Chefe)

Alcino Ferreira

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Moraes Bastos

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

Recepção

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Culturgest, uma casa do mundo.

Informações 21 790 51 55

Edifício Sede da CGD, Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

culturgest@cgd.pt • www.culturgest.pt